

## DOM CARLOS LUÍS D'AMOUR

**Padre Pedro Cometti**

Evocar uma personagem que sorriu à luz do dia há mais de um século e meio, lembrar-lhe os feitos, julgar-lhe a vida e as obras, exige estudo, serenidade e, acima de tudo, situar-nos na época histórica em que ele se moveu, ao longo de 84 anos. Por não ter sido inerte ou apagado teve amigos fidelíssimos e acerbos críticos.

Tomou posse da remota sede episcopal de Cuiabá cercado pelo esplendor e prestígio que o Império conferiu aos Bispos, membros do Conselho de Sua Majestade. Viveu e conviveu a época da escravatura; sentiu, atenuados, embora pela distância, os ventos impetuosos das idéias republicanas, ele, apegado à Monarquia, cioso da autoridade e da dignidade que do Império lhe advinha.

Chegou a república e a separação da Igreja do Estado não deixou de marcar dolorosamente quem fora indicado para a Episcopado pela Precisa Regente, Isabel a Redentora, a quem devotava amizade, reconhecimento e estima.

Solitário, amargurado, conservando a parvência de uma antiga nobreza, à qual jamais renunciara, trabalha, luta, corrige, exorta “oportuna e inoportunamente” conforme aconselhava São Paulo ao Tito.

Timoneiro de uma nau com poucos marinheiros, quase perdido num oceano verde de mais de um milhão e meio de quilômetros quadrados, que tantos contava a diocese de Cuiabá, ele a dirige, firme, fiel, intrépido e impassível a ventos e tempestades, olhar fito nAquele que domina, divinamente sobranceiro, mares tempestuosos e vendavais destruidores: Cristo, Jesus do tempo e da história, o qual garantira jamais abandonar a sua Igreja.

O sobrenome “Amour” pode levar alguém a pensar fosse ele de descendência francesa, mas, observa o historiador maranhense Luís de Melo, “é simplesmente uma adoção do francês, cuja influência era fenomenal em S. Luís do Maranhão.

Nascido a 11 de junho de 1837, filho de Rosa Custódia de Ascensão, desde jovem atrai a atenção e simpatia de quantos o conhecem. Pobre, mas inteligente e de boas maneiras, aprende o ofício de alfaiate até que ingressa no Seminário e concluídos brilhantemente os estudos, é ordenado sacerdote em 1860 pelo bispo D. Manuel Joaquim da Silveira, que o nomeia cônego.

Com a promoção de D. Manuel de Bispo do Maranhão a Arcebispo de Salvador e Primaz do Brasil, o Cônego Luís d'Amour acompanha o Prelado do qual é

secretário particular e, ao mesmo tempo, leciona no Seminário maranhense, embora tenha sido nomeado Cônego da Sé Primacial e, pelo Santo Padre o Papa, Monsenhor Camareiro Secreto.

Vagando o Arcebispado da Bahia, único então no Brasil, por morte do Titular, em consagrada eleição secreta, o Cônego Carlos é eleito Vigário Capitular, devendo reger os destinos do Arcebispado até a nomeação no novo Primaz. Pelas cartas que se conservam no Arquivo avulta unânime o apreço, a simpatia e a respeitosa amizade que ele soubera cativar nos três anos de seu governo eclesiástico. Só o fato de os mais representativos sacerdotes do clero baiano elegerem um maranhense para governar interinamente o Arcebispado, fala bem alto de suas peregrinas e conhecidas qualidades.

No ano de 1876 a Princesa Regente apresenta o nome de D. Carlos à Santa Sé como bispo de Cuiabá e as Bulas Apostólicas de nomeação trazem a data de 21 de setembro de 1877, recebendo a Ordenação Episcopal a 28 de abril de 1878. Chegando à Cuiabá a 2 de maio de 1879 é recebido com extraordinárias festas que se protraem por três dias.

Difícil, árduo pronunciar um juízo sobre os quarenta e três anos do governo pastoral de Dom Carlos. Temos para nós que, acostumado a governar a Arquidiocese de Salvador, com muito clero, grande projeção social, vivendo e agindo ao lado dos Arcebispos Primazes, não conseguiu absorver o impacto negativo e deprimente de uma Diocese perdida nos sertões do Mato Grosso, com pouco clero, e este mesmo muito pouco "clerical". A bondade paterna e, diríamos, materna, do pranteado D. José, o longo período de vacância, a política que absorvera a atividade de muitos sacerdotes, o celibato sacerdotal calcado aos pés, amarguraram profundamente o jovem bispo. O Seminário fechou suas portas; os poucos padres, aos poucos, foram morrendo e o deserto e a esterilidade se alargaram desmesuradamente aos olhos e ao coração de D. Carlos.

As sociedades de livres pensadores, infesas à Igreja e que pulularam com o fim do Império, econtraram em D. Carlos o bispo combativo e enérgico, lutador solitário e destemido.

Entretanto, seu zelo o levou várias vezes à Europa a fim de alcançar a vinda de sacerdotes para a imensa Diocese. Conseguiu trazer os Padres Lazaristas, tendo eles chegado à Cuiabá em 1890, mas tiveram que se retirar em 1894, pois o Seminário, para cuja direção tinham deixado a França, continuava deserto e sem vocacionados para o sacerdócio.

Os Franciscanos da Terceira Ordem Regular de Alby atenderam seus

instantes pedidos e vieram à Cuiabá tomando também conta de Cáceres e Poconé. Pastorearam com zelo indefeso e perfumaram com suas virtudes a diocese de Cuiabá. Dentre eles dois gigantes avultaram: um de santidade e bondade e outro de singular destemor, inteligência e dinamismo a serviço do apostolado. São eles Dom Luís M. Galibert, que foi o primeiro bispo de Cáceres e o Frei Ambrósio Daydée, vigário geral de D. Carlos, Governador do Arcebispado com a morte deste.

Após anos e anos de súplicas e viagens à Europa, alcançou, finalmente, a vinda dos Salesianos para atenderem à formação da juventude e à catequização dos índios, o que se deu em 1894.

Conserva-se no Arquivo, um livro precioso, escrito por Mon. Bento Severiano da Luz o qual relata a Visita Pastoral de D. Carlos ao Sul da Diocese. Naquelas páginas amarelcidas palpita o grande coração, profundamente humano e sensível de D. Carlos: a 2 de maio de 1886 partia ele para o Sul, voltando a 21 de novembro à sua sede, após 7 meses de penosas viagens, visitando, confortando, evangelizando seu disperso rebanho.

Assim, resume Mon. Bento o labor apostólico do Prelado:

*"Compôs dissensões domésticas, resolveu dúvidas de consciência, desarraigou vícios e plantou virtudes. Quanto recebeu das mãos dos fiéis pela administração das Crismas, tanto passou às Igrejas que visitou ou às mãos dos pobres que eram objeto constante de suas beneficências. Enfim, passou guerreando o mal com o bem que fez e com a paz que evangelizou em nome do Senhor."*

Dinâmico e empreendedor, concluiu a construção do Seminário da Conceição; reformou a Catedral; ampliou e reformou a Igreja do Senhor dos Passos e iniciou, em 1918, ultra octogenário, o Templo gótico do Bom Despacho! Um ancião de 80 anos, empreendendo uma obra de ciclope!

No ano de 1910, premido embora por mil dificuldades, a fim de defender e propagar os princípios da Religião, funda o Semanário "A Cruz", colocando à frente o Frei Ambrósio, auxiliado por uma competente e fidelíssima equipe que ele soube formar e conservar eficiente e unida.

Ainda em 1910 a Santa Sé, atendendo seus pedidos, cria a Província Eclesiástica de Cuiabá, tendo como sufragâneas as dioceses de Corumbá, Cáceres e a Prelazia do Registro do Araguaia. Ele é o primeiro Arcebispo Metropolitano.

Os Institutos Históricos e Geográficos de Salvador e do Rio de Janeiro o elegem Sócio Honorário e seu nome exorna a galeria do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, sendo escolhido Presidente de Honra dessa Casa, quando da sua fundação em 1919.

Notável pelo número de livros e pela importância das Obras, a biblioteca que ele legou ao Seminário da Conceição e ao Arcebispado: testemunho de seu amor às Letras e às ciências sagradas.

A figura serena e nobre do primeiro Arcebispo de Cuiabá, sua dedicação à terra que durante 43 anos foi sua e pela qual despendeu os dotes de mente e de coração e que após tantas refregas descansa na cripta da Catedral, bem merece estar entre os iniciadores do nosso Instituto Histórico e Geográfico!